

# ZIG/JAC: MAG

## Razão de um Percurso

Falatório 2013

### MD Magno

Realizado no auditório da Universidade  
Candido Mendes Ipanema, 16 abril 2013.

1. Primeiro, quero agradecer à Universidade Candido Mendes Ipanema por me receber, sobretudo nas figuras de Cecilia Mendes Almeida, diretora, Maria Amaral, Leila Kamel e Heloisa Marra, as amigas que nos trouxeram.

O que vim fazer aqui? Vim conversar com vocês sobre meu percurso no mapa da psicanálise. Isto porque este percurso, que já dura décadas, acabou me levando a reconstruir do meu modo tudo que sabia e não sabia sobre psicanálise. Em primeiro lugar, foi naturalmente a figura de **Freud** que, ainda adolescente, por acidente de percurso, comecei a ler e não parei até hoje. Depois de Freud, veio muita gente. Como sabem, a história da psicanálise é recente, tem pouquinho mais de cem anos, mas muitos operaram sobre esse acontecimento. De tal maneira que há grande quantidade de autores, alguns destacáveis, outros não, ou menos, e até divergências radicais, rompimentos, posturas tão diferentes que já nem parecem ser da ordem da psicanálise. Tivemos que, de certo modo, fazer este percurso, pelo menos conhecer os autores que operaram longamente com isso. Só que, por último, no sentido de grande operação, apareceu no panorama o Doutor

**Jacques Lacan.** Não vamos desenvolver sua história aqui, pois é conhecida e há muita publicação sobre ela. Então, depois de todas as peripécias dos psicanalistas em torno do pensamento de Freud, ninguém melhor do que Lacan para retomar as leituras e refazer completamente o entendimento da teoria psicanalítica. Ele fez isto em cima da leitura da obra de Freud e em contraste com muitos autores que pareciam ter se desviado de maneiras as mais diferentes, mesmo dentro da instituição que parecia ser a representante do pensamento de Freud, que era a chamada IPA (*International Psychoanalytical Association*). Lacan criou sua escola – a Escola Freudiana de Paris –, produziu uma obra gigantesca e genial, mediante a qual pôde trazer o pensamento de Freud para, verdadeiramente, o século XX.

Fui, então, de Freud para Lacan. Lacan me aconteceu já no final da década de 1960, começo da de 1970. Depois de estudar um pouco sua obra, comecei a criar grupos de estudo sobre ela. Hoje, fala-se sobre sua obra, ele é famoso, mas naquele tempo quase ninguém no Brasil conhecia esse autor e muito menos o estudava ou promovia qualquer coisa sob seu nome. Como os grupos de estudo foram crescendo, estavam dentro de uma Universidade, acabei procurando contato com Lacan e, nesse contato, decidi que precisava ir lá conversar com ele, fazer análise com ele e também trabalhar na Universidade de Paris, no departamento dirigido por ele, que, na época, era o único departamento de psicanálise no mundo inteiro. Foi uma

experiência extremamente importante, me fez conhecer muita gente de alto nível que trabalhava com ele, me fez estudar bastante seu pensamento, acompanhar seus seminários (aqueles que pude acompanhar).

A essa altura, já se aglomerava um grupo grande ao meu redor aqui no Rio de Janeiro. De tal maneira que, lá mesmo em Paris, resolvemos aproveitar esse grupo e fundar uma instituição lacaniana, que foi das primeiras do Brasil. Instituição que nomeamos Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Lacan tinha a Escola Freudiana de Paris, e não ousei chamar de Escola aquele aglomerado que estava se organizando aqui. Chamei-o de *Colégio*, um grupo de colegas estudando, pois a mestria estava lá fora. Quando comecei com Lacan no Brasil, a reação era grande. Era uma certa reação ao pensamento de Lacan... sem o conhecerem. O pensamento dele é simples, acho eu, mas bastante difícil. Como ele contestava radicalmente a psicanálise existente no planeta, tanto do ponto de vista europeu quanto do americano, havia forte reação. Reação, primeiro, a fazer o grande esforço que era entender o que ele estava dizendo. Segundo, como os analistas estavam bem instalados em suas posições, não estavam a fim de ter que fazer revisão e estudar tudo de novo.

Entretanto, a coisa colou de tal maneira – primeiro, na Europa Continental, pois na Ilha é difícil, dado que é a pátria da IPA – que conseguimos instalar o pensamento de Lacan no Brasil. Aí começaram outros movimentos em outra cidades, São Paulo,

Nordeste, e o lacanismo hoje é um sucesso – o que talvez seja o seu fracasso. Mas o que fazer?

2. Acontece que, com o desenvolvimento de meu trabalho durante décadas de estudo, de análise, seminários, etc., acabei necessitando pensar a psicanálise do *meu* modo.

Lacan morreu em 1981 e me dá a impressão de que o século foi junto com ele, antes da hora, e também de que sua obra estava acabada. É, como disse, efetivamente um pensamento de século XX – e a gente continua pensando. Fui, então, desenvolvendo um modo muito pessoal de ler a psicanálise em toda sua história. Naturalmente, que é impossível dizer qualquer coisa que não passe por esse histórico de Freud a Lacan. Acabei reformatando a psicanálise para mim, para meu uso, para meu gasto e transmitindo para quem quisesse ouvir, de modo que ela se transformou na minha mão em um projeto diferente. Essa coisa diferente, ajuntamos dentro de uma ideia que resolvi chamar de **Nova Psicanálise** ou **NovaMente**. NovaMente, porque é tudo *de novo*, e Mente Nova, porque estou pensando de *outra maneira*. Assim, atravessamos momentos de pensamento, de produção de conhecimento, que estão sempre indefectivelmente na dependência de sua época. Não há como fugir da época em que alguém pensa alguma coisa.

Freud, na verdade, era um homem do século XIX, com toda aquela formação desse século. Ele teve bastante tempo de século

XIX para se tornar um homem tipicamente da época. Entretanto, ele é uma pessoa de vanguarda no pensamento e, em seu trabalho de medicina, de psiquiatria e, depois, na tentativa de entender de outro modo o psiquismo humano, começa, como sabem, a construir uma ideia nova que apelidou de Psicanálise. Então, deu entrada no século XX, do qual é um dos fundadores junto com Einstein, com aquele entorno. Estava-se fundando o século XX enquanto pensamento diferente do século XIX, e foi aí que a psicanálise nasceu. Mas nasceu dentro das condições que ele tinha no momento, condições históricas, culturais, científicas, pessoais. E lidando com seu material de maneira tão nova que o desenvolvimento de sua teoria é entrecortado de idas e vindas, cheio do material que ele pôde conseguir em seu trabalho de escuta dentro do consultório e da leitura das obras que a cultura podia oferecer. O que ele descobriu genialmente, e que está valendo até hoje em sua essencialidade, está no entanto cheio de uma pletera de acomodações da cultura da época, do lugar que ele viveu. Isto não o impediu de raciocinar direito e de, por trás dessas acomodações, constituir um fio de extremo rigor que permite que a psicanálise continue nos tempos seguintes à sua produção.

Freud, como sabem, morre em 1939 e deixa o legado de uma obra imensa. No entanto, já atropelada por alunos que não a entenderam bem, por alunos que começaram a discordar de alguns pontos, às vezes até com razão, ou por alguns que partiram

diretamente para a deliração e escaparam do campo. É aí que aparece Lacan para tentar resolver isso. Vejam, por exemplo, os conceitos que Freud criou e que precisaram – e talvez ainda precisem – ser retomados, revistos em sua essencialidade, em sua ordem lógica de base. Por exemplo, sabemos que uma das pedras fundamentais da teoria freudiana é a ideia de **complexo de Édipo**: aquela historieta familiar, mamãe-papai-neném, que é o que ele escutou no consultório. Ia fazer o quê? As pessoas sofriam disso e apresentavam a questão no nível das transas amorosas e odientas do interior de suas famílias. Ele, então, desenhou desse modo. É claro que não ficou apenas contando uma anedota. Ele tomou uma anedota, remeteu-se até à mitologia grega, foi buscar o Édipo lá, mas no sentido de poder destacar, com esse exemplo mitológico e com as historinhas de caso que pôde escutar, uma articulação de certos elementos que parecem que se repetem sempre nas histórias das pessoas. Aí isso virou o tal do *Complexo de Édipo* que tinha que ser superado dessa ou daquela maneira, que resultava nesta ou naquela patologia.

Ele sacou outra coisa fundamental, que **a sexualidade, do ponto de vista lógico e funcional, governa o psiquismo e governa desde a primeira infância**. Isto assustou alguns, outros acharam muito interessante. Há aqueles que ficam até hoje assustados com isso, mas o que ele sacou é algo absolutamente compreensível e abstraível em sentido pleno quando se entende o que ele quer dizer com essa sexualidade básica da estrutura do

psiquismo. Freud entendeu que há um movimento desejante, vigoroso, violento às vezes, que chamou de **Pulsão** (*Trieb*). No que começou a desenvolver o entendimento desse movimento pulsional, dessa **força desejante**, viu que está instalado no corpo e até em certos fragmentos, certas partes do corpo, cada um com sua configuração. Então, ele esbarra com uma ideia que parecia assustadora naquele momento e que foi até mostrada de outros modos por gente da área da literatura, etc. É a ideia de **pulsão de morte**, a ideia de que, entre outras forças de movimento desejante, pulsões de vários tipos de interesse, todas parecendo ser uma pulsão de vida, de desejo, de vitalidade, também existia uma *pulsão destrutiva*.

Acho que ele ficou assustado com isso, tão assustado que não entendeu logo de saída a gravidade do que tinha encontrado e começou a fazer em sua obra uma ideia de oposição entre *pulsões de vida* e *pulsão de morte*. Mas outrora ele havia descoberto que, na relação entre prazer e realidade (que também parecia uma oposição), em última instância, é o princípio de realidade que está a serviço do princípio do prazer, ou seja, que a dominância é a vontade de prazer e a vontade de gozar. Portanto, que todos os movimentos de construção de realidade são no sentido de preservar para sustentar a ordem do prazer. Assim como descobriu isto, acabou encontrando que as pulsões, sejam quais forem, não desejam senão seu próprio desaparecimento, sua própria morte. Isto é bastante chocante para meados do século

XX. Em última instância, **todo movimento desejante** de uma pessoa – diretamente na ordem sexual ou libidinal, ou em qualquer ordem que a humanidade conseguiu operar de maneira metafórica, substitutiva – **é mortal**. Todo movimento desejante não quer senão extinguir-se, desaparecer, ou seja, no fundo, queremos é Paz. E Paz derradeira, só morrendo mesmo. Mais tarde, Lacan vai deixar claro que **toda pulsão é pulsão de morte, não existe outra**. A impressão que temos de pulsões de vida são arrastões dessa pulsão em cima de determinados elementos, de determinadas configurações dadas às pessoas por via de sua corporeidade, de sua cultura, etc.

As discussões corriam no século XX, e aceitar a pulsão de morte foi difícil. Os analistas não queriam aceitar e, fora da cultura psicanalítica, menos ainda. E mais, acho que Freud também não queria aceitar. Ele me dá a impressão de temer esse conceito – é a impressão que tenho da impressão que ele teve. Digo que ele ficou temeroso da pulsão de morte porque, uma vez que sacou que pulsão é no sentido de desaparecimento, da extinção, da morte, devia, penso eu, ter retornado sobre sua teoria desde o começo e a reconstruir em cima desse conceito. Ele não o fez e manteve pulsão de vida/pulsão de morte. Ou seja, mesmo reconhecendo que as pulsões são mortais, que tendem ao desaparecimento, não teve tempo ou condição, penso eu, de, uma vez que achou esse horror dentro da teoria, voltar e refazer sua teoria a partir desse lugar.

3. De repente, aparece o doutor Jacques Lacan, muito jovem no começo do século XX. Um psiquiatra, trabalhando num hospital psiquiátrico, constituindo sua tese de doutorado sobre a psicose paranoica, mas não ainda ligado especificamente à teoria psicanalítica. Só que, logo em seguida, ele se dá conta de que o caminho de solução dos problemas que procurava pensar era a teoria psicanalítica. Então, adere à psicanálise e começa a pensar sozinho a psicanálise. Fez parte das associações psicanalíticas, foi até presidente de uma, mas ele **pensava** (tem gente que pensa, não só repete o que outros dizem). E no que começou a pensar, começou a verificar que havia muito mal-entendido dentro da teoria psicanalítica de Freud, muito mal-entendido em sua aplicação bem como em seu desenvolvimento teórico. E mais, ele é um homem de outra época. Digamos que Freud é um homem fundamentalmente do século XIX inventando o século XX. Já Lacan é tipicamente um homem do século XX. Isto quer dizer que as circunstâncias que encontrou para operar a psicanálise que ele assumiu eram radicalmente diversas: as teorias científicas haviam mudado muita coisa, a literatura, as artes, as filosofias, etc.

Lacan foi uma pessoa que, desde jovem, frequentava grupos de artistas de vanguarda, como os surrealistas e gente do tipo. Então, estava no movimento do burburinho da construção da modernidade típica do século XX, e entrou nessa. E no que entrou, teve que se atualizar em termos de pensamento do século

XX. Foi o que fez, assumiu as grandes formações científicas, intelectuais, culturais, artísticas, etc. do século XX já instalado e começou a repensar toda a psicanálise em cima desses conhecimentos novos. Isto causou uma perturbação enorme entre os psicanalistas europeus em geral. Entre os americanos nem se fala, pois lá em aqueles refugiados que transformaram a Psicanálise em psicologia do sucesso. Na América, a psicanálise é uma lástima, pois virou psicologia de reforço de ego. Mas, na Europa, Lacan criou um tumulto grande a ponto de o pessoal da IPA vir a Paris para perseguir o rapaz. Fizeram o possível para calá-lo, mas não deu certo, ele continuou pensando, continuou falando e logo-logo já tinha bastante seguidores estudando aprofundadamente o modo teórico que ele apresentou.

No que Lacan ia repensando a psicanálise com os instrumentos, o ferramental novo das teorias disponíveis, justo nesse período acontece um fenômeno que radicalizou o pensamento na Europa e até mesmo em muitos lugares no lado de cá, do Novo Mundo. Certo pensador da área da linguística, chamado Ferdinand de Saussure, repensou a teoria da língua e produziu um curso na universidade onde trabalhava na Suíça. Seus alunos publicaram suas aulas com o título de *Curso de Linguística Geral*. Ele fazia um tal rebuliço dentro das teorias linguísticas da época, uma tal transformação que acabou criando a ideia de **estrutura** na linguística. Então, ao invés de ficar estudando historicamente e foneticamente as línguas, começaram

a estudar de maneira cortante a sua estruturação. Não importa tanto a fonética, mas talvez a questão das oposições sonoras. Criou um arcabouço, que muitos de vocês talvez devam conhecer, chamado *linguística estrutural*. Esse troço começou a colar na Europa e foi bater numa certa região de estudiosos que desenvolveram muito eficazmente essa ideia de estrutura na linguística: o famoso Roman Jakobson, que desenvolveu um estruturalismo radical em termos de análise de texto, de poemas e prosas; Troubetskoy, que desenvolveu uma teoria da fonologia em termos de oposição e estrutura e cortes verticais dentro da língua... Estou falando muito brevemente, mas esse movimento em torno da linguística colou no mundo porque o aparelho que apresentou para dar conta da linguística tornou-se algo que parecia eficaz no estudo de toda e qualquer construção linguageira, inclusive no campo das ciências, da filosofia, das artes, etc. E começou a ser fortemente aplicado.

Havia também um rapaz, professor na França que veio dar aulas em São Paulo e que, como não tinha muito que fazer, começou a frequentar tribos de índios. Ele nem era antropólogo ainda, mas fez levantamentos e estudos de várias tribos no Brasil. E, no interesse de entender os fundamentos de uma antropologia que pudesse dar conta do material imenso que coletou, ficou procurando uma saída. No que procura a saída, vai para os Estados Unidos e encontra Jakobson, que era o grande estruturalista do momento. Jakobson fez sua cabeça e lhe mostrou

que podia pegar todo aquele material antropológico, de pesquisa de campo, e submetê-lo ao pensamento estruturalista da linguística. Ele fez isto e se deu bem, ficou famoso, com uma obra imensa, belíssima. Em 1949, aproveitando essa dica de Jakobson e construindo o estruturalismo antropológico, publicou um livro que fez um rebuliço no planeta, intitulado *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Os estudantes até hoje usam este texto.

Freud havia descoberto, junto com seus analisandos e remetido à mitologia, o que chamou de complexo de Édipo. O que estava em jogo nesse complexo, que comparece com frequência grande nas tribos primitivas e mesmo nas sociedades desenvolvidas, é a famosa *interdição do incesto*, que as pessoas pensam que é proibição de fazer sexo. Na verdade, é não pode ter filho com a mãe. Não pode porque bagunça o coreto da organização tribal. Lévi-Strauss foi estudar isto, estudou sistemas patrilineares, matrilineares e resolveu que podia dar conta do que era a interdição do incesto na aplicação do pensamento estrutural tratando o material cultural dessas tribos da maneira como é tratado na linguística. Com isto, construiu uma imensa obra chamada *estruturalismo* – quem sabe?, propriamente dito –, que é a antropologia geral do ponto de vista estrutural. Lacan, como eu disse, era um jovem bem formado com disponibilidade para estudar e estava sabendo de tudo isso que estava acontecendo nessa cultura. Imediatamente, comprou a ideia de Lévi-Strauss, a

de Jakobson, comprou essas ideias todas que eram o movimento de peso naquele momento. Era a criação do pensamento estruturalista que dominou grande parte do século XX. Ele, então, aplicou o saber adquirido nesse percurso à psicanálise. Tanto é que, nos primórdios de sua produção, Lacan ficou conhecido como alguém que tratou a psicanálise de maneira linguística. Não é bem assim, pois estava procurando uma construção que achou dentro do estruturalismo que pudesse rigorizar, dar rigor ao pensamento psicanalítico.

Lacan começou a tratar as manifestações disso que é o essencial no pensamento de Freud, a ideia de Inconsciente, as manifestações do Inconsciente, de maneira linguística. Fez mesmo a suposição de base de que o Inconsciente era estruturado como uma linguagem e que, portanto, devia ser tratado como tal, *como* uma linguagem. O que havia de tratamento de linguagem, tirando os lógicos da Inglaterra, Wittgenstein, Russell, era esse pensamento estruturalista em cima da linguística de Saussure. Então, o que foi aproveitado para tratar o inconsciente semelhante a uma linguagem foi o material estruturalista da linguística. Só que ele não ficou aí. Se ficasse, talvez virasse algo banal, sobretudo em cima três livros fundamentais de Freud: *A Interpretação dos Sonhos*, *O Chiste e sua relação com o inconsciente*, *Psicopatologia da vida cotidiana*, que trabalham em sua maior frequência com materiais languageiros oferecidos pelos analisandos. Não que Freud já estivesse operando

linguisticamente, e sim que estava mostrando que o processo inconsciente opera com a linguagem e através do entendimento desses movimentos da linguagem podemos chegar melhor à estrutura do Inconsciente. Então, é a sopa no mel. Lacan deitou e rolou.

Apareceu, então, a psicanálise estruturalista, que teve um enorme desenvolvimento em sua mão. Mas ele não era bobo, não ficou só nisso, pois, paulatinamente, o movimento de estudo da linguística no planeta foi crescendo e o momento estruturalista parecia que ia dar conta de tudo, abrangeu o pensamento do mundo praticamente todo. E como se podia esperar, ou como se verificou, chega um momento em que isso entra em crise e essa linguística toda não consegue dar conta nem da estrutura das línguas – e muito menos da estrutura do Inconsciente. Lacan, sem abandonar a ideia de que o Inconsciente se estrutura como linguagem, começou a pensar para a frente, com outros teoremas, outras formações de conhecimento e produziu uma obra poderosa, precisa, difícil, sobretudo porque seu estilo é anti-acadêmico de propósito. A psicanálise foi se desenvolvendo e foi bater, em última instância – estou dando saltos gigantescos, é apenas uma introdução –, na ideia de *matema*, de formulação, de produzir fórmulas, semelhantes a certa matemática. Isto, para, talvez, quem sabe, fazer uma transmissão direta e completa do pensamento através dessas fórmulas. Na verdade, é emulação das ciências duras. Como o  $e=mc^2$  de Einstein é imbatível, quem não quer ter

uma fórmula destas? O desenvolvimento foi por aí e, no último momento, acabou adotando a topologia da matemática para pensar o Inconsciente. Vejam que é uma trabalhadeira imensa. Eu falando assim em poucas frases, dá a impressão de que é simples, mas é extremamente complexo, é enorme o trabalho que ele fez.

Entretanto, tudo isso é criticável, tudo isso algum dia entra em crise. Tanto é que logo depois veio o chamado pós-estruturalismo com pessoas brilhantes como Michel Foucault, por exemplo, que já é uma espécie de aceitação de certas premissas do estruturalismo, mas com um pensamento crítico do funcionamento dessas estruturas. E isso foi indo, foi indo... Com as condições de Lacan, com os conceitos que pôde articular, que pôde tomar do mundo.

Então vamos encontrar em Freud alguns *conceitos fundamentais*. Lacan reestrutura outra vez quatro conceitos fundamentais, todos explicitados, mas, como o próprio pensamento de Lacan sempre mostrou, a pulsão é de morte: a vaca sempre vai para o brejo. Não tem saída, não adianta pensar que pode segurar a vaca, porque ela vai para o brejo, é o destino da vaca. Ou seja, o último Lacan já é um Lacan que está nos estertores finais daquele pensamento. Chega mesmo um momento em que ele até para de falar. Não sabemos se era porque estava gagá, ou porque já não tinha mais o que dizer. Esta ambiguidade paira no ar.

4. Tive a sorte de manter contato com Lacan, com sua presença pensante e seu trabalho de análise nesse seu último momento. Isto é uma sorte grande, pois não fiquei com os cacoetes dos outros alunos que restaram linguisticistas ou operando sobre matemas desgastados. Era um momento de expansão, ao mesmo tempo de seu pensamento e de derrocada do século, derrocada do movimento pensante anterior. Estávamos no fim. Achei muito bom passar por esta experiência porque aprendi, estudei, operei, pratiquei aquilo tudo e tudo aquilo bateu num impasse: chegou a um impasse da teoria, a um impasse da clínica.

O que fazemos? Abandonamos, vamos embora, ou entramos de cabeça? Há duas maneiras de ir embora: largar a psicanálise ou ficar repetindo a velha até o século que vem. São duas maneiras de abandonar. Alguns abandonam de vez e outros ficam até hoje repetindo a baboseira. A outra maneira é: cheguei nesse lugar, agora terei que pensar tudo sozinho e de outro modo. De preferência, em coincidência com meu tempo, com minha época, com meu mundo, com o que está acontecendo agora. E tem que ser assim. Freud era da idade de meu avô, Lacan era da idade de meu pai, eu sou a terceira geração, devo ir para trás ou para a frente? Esta é uma questão difícil porque temos que assumir alguma coisa, assumir um dos três riscos: largar tudo, ficar repetindo como um papagaio ou pensar sozinho com o risco de só falar besteira. Eu resolvi falar besteira. É como dizia aquela menininha do conto de Guimarães Rosa: “Antes falar bobagens,

que calar besteiras”. Tive que entender a situação em que estava, tentar entender o mundo complicado e desfigurado em que vivemos desde o fim do século passado – que não durou até o final, morreu em 1980 –, e tentar, para meu gasto, inventar uma psicanálise atual. Como enfrentar este século XXI tentando pensar um pouco depois de todos esses acontecimentos dramáticos de falência dos fundamentos em todas as áreas, científicas, filosóficas, religiosas, políticas? De repente, a humanidade começou a se dar conta de que os fundamentos que fundamentavam não fundamentavam nem a si mesmos. Esta foi a crise.

A situação da psicanálise de hoje é esquisita na face do planeta, pois a proliferação de estudos sobre obra de Lacan, a proliferação de textos de trabalhos, alguns até muito bons, bem feitos, é enorme. No entanto, ficam rodando como peru em círculo de giz. Está-se rodando ali e não se acha nada, apenas se tenta explicar o que Lacan estava dizendo, recompor um teorema que ficou mal entendido, organizar determinada formação teórica para que fique mais explicitável. Desenvolvimento não se tem, e dá a impressão de que aquilo quase que se esgotou. Então, o jeito é ficar fazendo bolo com o material que está disponível. Isto faz com que, no presente, nas condições atuais da psicanálise, tenhamos vários tipos de coisa. Por exemplo, a psicanálise parece que se banalizou, todos falam misturando alhos com bugalhos, Édipo com matemática, etc., pois as pessoas não têm obrigação de

estar sabendo aquilo direito. Outra perspectiva que ofereceram foi a de que a psicanálise está em decadência, que ninguém vai mais ao psicanalista, que esse negócio acabou. Não é verdade, e não porque seja bom não ser verdade. Pode ser até ruim, pois a proliferação é bastante grande em uma repetição terrível.

Além disso, acontece – e é arriscado afirmar o que vou dizer, mas afirmo – no mundo contemporâneo um fenômeno incrível, que tem tudo a ver com a psicanálise. Não apenas porque ela foi disseminada e começou a funcionar no seio das famílias, das escolas, etc., como um pequeno aparelho crítico das formações culturais impositivas, um aparelho de recusa de certas repressões, como também aconteceu uma disseminação em quase todas as partes do planeta de comportamentos humanos que não são efeitos de uma análise, e sim de alguns acontecimentos que conseguiram produzir efeitos parecidos com os da análise. Isto é espantoso, pois as pessoas que têm esses comportamentos não são analisadas, continuam a operar dentro de sua ordem sintomática sem se dar conta, mas o conjunto planetário e seus grupos sociais estão sendo invadidos por um tipo de operação que está funcionando como a psicanálise funciona, só que no regime social e não no regime individual. O que é isto? Chama-se: tecnologia, informação generalizada contemporânea, tipo internet. Essa informação varreu o planeta, deslocou certezas e comportamentos sintomáticos, e como as pessoas começam a saber que aquilo que dizem para elas não é bem assim em outros lugares – aliás, não é

bem assim em lugar algum –, então começa a haver um grande tumulto comportamental. E está acontecendo isso que vocês sabem que está acontecendo, é só ligar a televisão, ler o jornal, entrar na internet para ver. Esse efeito é parecido com o efeito de uma análise para uma pessoa.

**19.** O que uma análise pretende? Pretende apontar e dissolver sintomas, colocar a pessoa em maior disponibilidade possível para o que der e vier, ou seja, abandonar as prisões e pesos sintomáticos e, em última instância, chegar a um limite último – que chamamos de pulsão de morte – em que se começa a olhar o mundo, indiferenciar tudo e, ao mesmo tempo, poder lidar com tudo com o mínimo de, ou mesmo sem, prisões sintomáticas. Faço uma metáfora horrorosa, mas que serve. Como há esse bichinho que produz a Aids, esse vírus que prejudica os sistemas imunológicos, as garantias de permanência das formações biológicas estão completamente desvirtuadas pela presença dele que acaba trazendo a Aids para uma pessoa, a psicanálise pretende fazer o mesmo que o bichinho faz e não consegue muito. A psicanálise prejudica os sistemas ideológicos e, ao mesmo tempo que ela fascina, ela horroriza. A comparação com a Aids foi esta: os sistemas imunológicos são destruídos pelo bichinho e os sistemas ideológicos são o que a psicanálise quer dissolver.

Como podemos pensar para além dos sistemas ideológicos que ocupam o mundo há milênios (filosofia, religião, e mesmo

certos aspectos da ciência, que, em última instância, são ideologicamente constituídos)? A diferença da psicanálise para com os outros pensamentos é que ela construiu um modo de operar que destrói por dentro qualquer formação que se pretenda ideológica. Tanto é que Lacan deu a melhor definição do que seja a psicanálise. Quando lhe perguntavam o que ela era, dizia: “A psicanálise é a pergunta *o que é a psicanálise?*” Operamos com o pensamento, com processos de articulação que estão em crise permanente diante do reconhecimento de que o funcionamento do Inconsciente desliza e desconstrói – desculpe o termo, pois não gosto do rapaz que o utiliza – toda e qualquer formação que se queira *metalinguística*, que é o termo que Lacan usa. Isto é, que seja uma linguagem que pretenda das conta da linguagem dos outros. Isto não existe para a psicanálise, pois o processo é furado. Temos que conviver com o século XX e com o que se tem construído como século XXI, no movimento de que o conhecimento é outra coisa que não o que se ofereceu para nós até hoje. Muito menos com o que as epistemologias tentaram nos convencer do que esses conhecimentos fossem. As epistemologias também são ideológicas.

Está acontecendo no planeta, por via tecnológica, a disseminação de um processo analítico. *Ana-lysis*, em grego, quer dizer: pegar uma coisa, dissolvê-la em seus componentes para entender como aquilo é construído. Aquele rapaz colou o apelido de *desconstrução* – Derrida é o Lacan dos pobres –, mas está é

falando do que chamamos de *Análise* (nem por isso seu trabalho é de se jogar fora, é interessante). A tecnologia informacional, os novos *gadgets*, as redes de comunicação, sobretudo a chamada internet, estão como que ana-lisando, dissolvendo as construções culturais, sociais, de conhecimento, etc. Isto, mesmo sem saber colocar nada no lugar: estão ana-lisando essas construções de maneira selvagem, abrupta, sem que haja, junto com essa dissolução, uma reflexão sobre o processo, de maneira que possamos continuar. Então, o que acontece, dada – vou usar uma expressão ótima em brasileiro – a Zorra Total? Uma grande parte foge para trás e aí temos a recrudescência de aparelhos ideológicos tipicamente fascistas e de aparelhos religiosos e outros violentos. Há o pessoal que fica de bobo alegre, estagnado, achando que está tudo bem, sem saber que a bomba vai cair em sua cabeça; e há aqueles, poucos, que tentam fugir para a frente, buscando ver o que é possível construir para o entendimento do que está acontecendo e do que virá.

Faço a suposição de que não há instrumento, ferramenta melhor do que a psicanálise para pensar essa coisa que está no mundo e que se parece com ela sem ter o estofado que ela consegue ter para lidar com a problemática que se instalou. Há décadas, venho fazendo um esforço, para meu uso – faço questão de sempre dizer isto, pois não gosto que se faça a suposição de que estou pensando *para* a cabeça dos outros, estou pensando no meu interesse (no entanto, está à disposição: quem quiser, pode levar)

–, de reformatar a psicanálise, lembrando que temos um século de Freud e Lacan, pelo menos, com aparelhos fundamentais para serem repensados. Penso que esta reformatação possa ser duas ou três coisas. Há possibilidade de simplificação da Zorra? Qualquer pensador que lide com um campo tão evanescente como este, vai produzindo e geralmente morre sem ter tido tempo de montar um escopo geral do seu pensamento. Em nosso momento, temos que fazer este trabalho. Dá para passar a limpo a psicanálise e procurar *denominadores comuns* para torná-la mais simples? Assim, evita-se a pletera de conceitos, de falações e ela fica mais compacta, como se faz, por exemplo, com o pensamento geométrico. Dá para torná-la mais manejável e compatível com os movimentos deste século? Isso tudo para tentar entender o movimento da psicanálise no sentido de jogá-la para a frente e para que ela possa ter serventia mais eficaz no futuro, ao invés de ficar repetindo a velha baboseira.

● P – *Você fala da psicanálise segundo três eixos: simplificação, compactação e denominadores comuns. Fala também em colocá-la dentro da época atual usando de outros recursos de pensamento. Além disso, diz que está uma zorra total, com as coisas se dissolvendo com a pulverização da tecnologia, etc., sem nada a ser colocado no lugar dessa zorra. É o que também me pergunto: o que colocar nesse lugar?*

Como sou muito pretensioso, o que pretendo – e não sei se conseguirei – é fazer esse trabalho que você descreveu, no sentido

de procurar se o pensamento chamado psicanalítico pode me dar uma chave para este momento. O pior é que acho que pode (por isso, disse que sou muito pretensioso). Digo isto com apoio nos acontecimentos de pensamento e de ciência que estão brotando neste momento. Vemos, por exemplo, artigos e textos excelentes de pessoas conhecedoras do assunto em que, no final, após todo o histórico feito, quando chegam ao momento presente, a solução que apresentam é nenhuma. Eles querem dizer alguma coisa, mas não sabem o que fazer. É normal, é o que acontece a nós todos. Mas há uma possibilidade de pensamento para a frente que, talvez, seja chave suficiente para resolver o problema.

Surgem problemas sociais, econômicos, políticos, etc., e o que vemos são pessoas tentando resolvê-los com as velhas ferramentas. Não vai dar, pois, quando se utilizava a ferramenta velha, o mundo era compatível com ela – já não é mais! Darei uma pequena impressão no campo da política e conseqüentemente da economia: só há *partidos*, *inteiros* não existem. Uma pessoa que toma partido, é uma pessoa partida e seu momento, seu século, é partido. O que o século atual não consegue mais é alguém ter que ser liberal ou socialista. Por que não ser um pouco mais técnico e, não se aprisionando a partido algum, pensar que há hora para liberar e hora para socializar? É o que chamo de política *ad hoc*. Agora, se sou uma múmia que tem tal partido, de esquerda, por exemplo, não posso liberalizar nem um pouco. E se sou de direita, pior ainda, não posso socializar. Isso acabou junto

com o século XX. Se não mudarmos de perspectiva, não vai dar. É o que quero dizer quando falo em **disponibilização da pessoa** para seus instrumentos de modo a poder lidar com o mundo que explodiu. Se tomarmos isto em outras áreas, poderemos pensar que essa disponibilidade deve ser impossível. Não é. É apenas difícil.

Os cientistas, técnicos e outros já estão se esforçando para produzir isto em nível materialmente operacional. Estou ansioso à espera do computador quântico, que pensa como eu. Maneira de dizer, pois pensa como gente que pensa assim. Ao que quer que se diga para ele, ele dirá o contrário junto. É o “vamos ver como é que se joga”. É um computador que maneja as informações para qualquer lado. Espero também avanços das teorias de estudo da constituição do cérebro: certos psicanalistas dizem que nada tem a ver; tem sim, é muito importante o que está sendo feito nessa área, quero ver o cérebro todo mapeado – porque se provará o que estou dizendo, que o cérebro funciona como Freud ensinou. O que nos permitirá parar de pensar de maneira tão regional as elucubrações que um cérebro humano possa fazer. E vamos notar como somos caretas, como isto aqui é o Planeta dos Macacos – e que podemos ter possibilidades muito maiores de operacionalidade mental.

● P – *Fico pensando se essa zorra não é a pura condição humana. John Ruskin, no livro Sesame and Lilies, de 1865, diz que a delícia está em passearmos pelos textos, ideias e*

*conhecimentos dos outros, e não entender, ter um tempo de assimilação. Ou seja, sair com as coisas mais abertas do que fechadas...*

É a condição humana, mas acontece que existe um negócio terrível, que a psicanálise descobriu bastante cedo, que é o chamado Recalque, que amputa e que *amputa que...*

16/ABR